

O HERÓI DE MIL ESPAÇOS E AS JORNADAS MÍTICO-GEOGRÁFICAS

THE HERO OF A THOUSAND SPACES AND MYTHICAL-GEOGRAPHIC JOURNEYS

 Francyjonison Custodio do Nascimento ¹¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil**Resumo**

A Geografia, como outras ciências, é uma narrativa. Reconfigurada como ciência social e preocupada com a relação do ser humano com o espaço geográfico, ela narra a experiência humana sobre a Terra. Nesse contexto, as narrativas, incluindo as mágico-míticas, podem munir o geógrafo para a investigação espacial. Isso se torna mais necessário num contexto no qual os relatos míticos estão sendo retomados e valorizados nas ciências humanas, posto que são perspectivados como vias de intelecção. Partindo desses pressupostos, o objetivo deste artigo é discutir como a compreensão de Joseph Campbell sobre as narrativas míticas pode dialogar com os estudos geográficos. Assim, este artigo é composto de uma revisão bibliográfica, acompanhada de uma reflexão teórica a respeito da relação mito e Geografia. Para tanto, ele discute a noção de mito de Joseph Campbell e seus diálogos com geógrafos que se debruçam sobre essa questão, como Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Paul Claval. Conclui-se que é pertinente para a Geografia dialogar com o pensamento campbelliano, principalmente no que diz respeito sobre a espacialidade inerente às narrativas míticas, a forma como o ser humano pensa e organiza o espaço geográfico e a proeminência do conceito de lugar para compreender o espaço mítico.

Palavras-chave: Geografia; Epistemologia; mito; Joseph Campbell.

Abstract

Geography, like other sciences, is a narrative. Reconfigured as a social science and concerned with the relationship between human beings and geographic space, it narrates the human experience on Earth. In this context, narratives, including magical-mythical narratives, can provide the geographer with spatial investigation. This becomes even more necessary in a context in which mythical accounts are being revived and valued in the human sciences, since they are seen as paths to intellection. Based on these assumptions, the objective of this article is to discuss how Joseph Campbell's understanding of mythical narratives can dialogue with geographic studies. Thus, this article consists of a bibliographical review, accompanied by a theoretical reflection on the relationship between myth and geography. To this end, it discusses Joseph Campbell's notion of myth and his dialogues with geographers who have studied this issue, such as Eric Dardel, Yi-Fu Tuan and Paul Claval. It is concluded that it is pertinent for Geography to dialogue with Campbellian thought, especially with regard to the spatiality derived from mythical narratives, the way in which human beings think and organize geographic space and the prominence of the concept of place to understand mythical space.

Keywords: Geography; Epistemology; myth; Joseph Campbell.

Recebido em: 23/01/2024 | 26/08/2025

Correspondência para: Francyjonison Custodio do Nascimento (jonisoncustodio@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

O ser humano, o único ser a criar mitos, fantasias e narrativas, é também o único a fazer Geografia e geografias, isto é, modos de falar sobre o espaço e de suas relações. Com efeito, a Geografia e a narrativa estão intimamente interligadas. Mais do que isso: de alguma maneira, a ciência geográfica é um tipo de narrativa; é um modo de falar sobre a experiência humana sobre/na terra (Claval, 2014).

De fato, a Geografia pode ser considerada uma disciplina “humanista”, que busca compreender espacialmente a existência humana (Sorre, 2003; Dardel, 2015). Daí a





pertinência de valorizar as mais diversas narrativas que discorrem sobre tal existência – que é, essencialmente, espacial. Entre tais narrativas, pode-se enumerar as mítico-mágicas que, não obstante sua diversidade, possuem um caráter espacial, ou seja, são necessariamente geográficas (Claval, 2012). Investigar esses fenômenos é fundamental para o geógrafo que busca compreender a realidade geográfica de modo integrado, total – ainda que não esteja submetido a um olhar totalizante (Sorre, 2003). Isto porque as narrativas míticas são parte constituinte da realidade.

Outro ponto interessante é que os elementos narrativos, sejam os atuais ou os de outrora, são revitalizados pelas ficções ao passo que o próprio mito ganha a possibilidade de reencantar o mundo hodierno (Desbois; Gervais-Lambony; Musset, 2016). Efetivamente, atualmente, há um resgate das narrativas mítico-mágicas, tendo suas expressões espalhadas nos diversos campos da cultura e do mundo científico (Maffesoli, 2021). Assim, se as narrativas, independentemente do seu conteúdo, são de grande valia para a ciência, como pontua Serres (2001), isso se potencializa quando se trata de narrativas com estruturas mítico-mágicas (Wunenburger, 2007). É pertinente, pois, compreender como funciona tais estruturas e como elas enriquecem o estatuto epistemológico da Geografia.

De acordo com Claval (2012), há décadas, os geógrafos buscaram nomes como Gilbert Durand e Gaston Bachelard para discutir o mundo onírico e mítico da ciência geográfica. Eric Dardel (2015) trouxe a essa mesma discussão Mircea Eliade, Lucien Lévy-Bruhl e até mesmo seu sogro, Maurice Leenhardt. No entanto, são poucas ainda as referências de trabalhos geográficos que buscam na obra de Campbell um diálogo aberto e profícuo para pensar o mito numa perspectiva atual e que também possibilite pensar sobre as questões espaciais presentes nas referidas narrativas. Daí a pertinência de se investigar as possíveis contribuições do mitologista estadunidense para o campo geográfico.

Partindo desses pressupostos, o artigo objetiva investigar como a compreensão de Joseph Campbell sobre as narrativas míticas pode dialogar com os estudos geográficos. Para tanto, se debruça, brevemente, sobre a obra do referido mitólogo. O artigo, então, é constituído de uma revisão bibliográfica a respeito da contribuição de Joseph Campbell para o campo de estudo do mito e da relação da mitologia com a sociedade, evidenciando as abordagens e as influências do autor, com enfoque nas obras *As máscaras de Deus* (2004, 2008, 2010), *O poder do mito* (2009) e, sobremaneira, *O herói de mil faces* (2010). Ele é composto, ainda, por um desenvolvimento de um esforço epistemológico que discute como a contribuição de Campbell também pode ter rebatimentos de caráter epistêmico para a ciência geográfica, promovendo um diálogo do pensamento campbelliano com geógrafos, a fim de encontrar conexões e apontar encaminhamentos.

JOSEPH CAMPBELL E O PODER DO MITO: UM OLHAR GERAL

Joseph Campbell é um mitologista estadunidense. Sua obra, produzida ao longo do século XX, se debruçou sobre os mitos e as formas pelas quais eles estão, seja por imagens ou por construtos teóricos, presentes na vida humana. Além da vasta obra, ele também protagonizou uma séria televisiva chamada “O poder do mito”, que também se tornou um



livro de mesmo nome. Segundo os seus biógrafos, Stephen e Robin Larsen (2002), a popularização dos trabalhos de Campbell se iniciou após a apresentação de uma série de televisão. O fato é que, independentemente do apelo que obra televisiva possuía no século XX, foi a construção de ideias e a reflexão acurada de Campbell que possibilitou a irradiação de sua obra a respeito do mito (Silva, 2012). Realmente, sua influência nas artes – no cinema, sobremaneira – do século XX foi vigorosa. Além dos diversos textos (ensaios, livros, dissertações e teses) sobre o mitologista, há também um variado conjunto de referências a obra de Campbell nos roteiros cinematográficos.

A respeito da influência campbelliana na cultura acadêmica, pode-se dizer que educadores, sociólogos, filósofos, antropólogos, comunicólogos, teólogos e psicanalistas estão no rol daqueles que foram impactados pelas ideias de Campbell (Rodrigues; Groppo, 2012; Matos, 2013; Rosa, 2017; Soares, 2020; De Sá, Almeida, 2022). Entre tais temas, se notabilizam os seguintes: mito como narrativa de uma explicação do mundo; interrelação entre história e mito; organização estrutural do mito (monomito); as conexões entre mito e religião; a conjunção entre o moderno e o arcaico no mito; as variadas ressignificações do mito no tempo contemporâneo (Silva, 2012). Todos esses temas, sempre perspectivados de maneira integrada, evidenciam que o mito, para Joseph Campbell, é fundamental na compreensão da vida humana, extrapolando, inclusive, o mundo acadêmico e contagiando toda a cultura humana.

De fato, para o mitólogo americano, o mito não está dissociado da vida comum. Na sua concepção, vários momentos de nossa vida tem uma riqueza simbólica fundamentada nos mitos. A vida contemporânea, pontua Campbell (2009), é totalmente mitologizada. No cinema, por exemplo, explica o autor, há antigos temas relativos à mitologia se desdobrando em diversas poderosas imagens. Aliás, Campbell (2009) não está sozinho nesta compreensão. Mircea Eliade (2010) pensa o mesmo. Para o filósofo romeno, na atualidade, há uma “ressemantização” dos mitos. No tempo contemporâneo, a força do mito resiste bravamente. Mesmo que ressignificadas e/ou camufladas, pontua Eliade (2010), as estruturas míticas permanecem. Alterando seus emblemas e suas feições, elas perduram indefinidamente. Quadrinhos, textos acadêmicos, ideias ligadas ao *coaching*, conteúdo de *youtubers*, contos de fadas, jogos eletrônicos, eventos políticos, filmes: seja como for, há sempre vestígios míticos nas realidades do tempo hodierno (Eliade, 2010).

Desse modo, Campbell (2009) vai de encontro a compreensão de que os mitos são irrelevantes para a condição humana da contemporaneidade. Seria comum, na verdade, o entendimento de que, em outros tempos, os mitos até dariam uma coesão comunitária e repassaria ensinamentos importantes, mas, hoje, seriam dispensados. Para Campbell (2009), contudo, este último entendimento é frágil e precisa ser revisto. Na realidade, ainda hoje, os mitos dialogam com a existência humana. Falam sobre ela, possibilitam que a vida humana seja refletida, contemplada – para usar uma expressão em desuso, mas que está sendo retomada por Han (2016).

Com efeito, os mitos têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, sugere Campbell (2009). De fato, para o autor americano, os mistérios mais



profundos do ser humano, o âmago da existência humana e tudo o que é verdadeiramente humano são a matéria do mito. Em *O herói de mil faces*, Campbell (2010) usa exemplos luminosos para justificar essa espécie de onnipresença dos mitos na vida hodierna:

As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito (CAMPBELL, 2010, p. 15).

Daí a onnipresença, a insistência do mito em permanecer no mundo humano. Neste ponto, é possível travar um diálogo com Lipovetsky e Serroy (2009), que chamam atenção para o fato de que os mitos, assim como outras narrativas, oferecem aos seres humanos o relato de seus sonhos e suas angústias, de suas alegrias e esperanças. Compreender isso é fulcral já que, na atualidade, essas narrativas, com sua força originária e seus mistérios, podem dar à vida significado, apoio e orientação (Han, 2023).

Mas o que seria especificamente o mito na compreensão de Joseph Campbell? O mito seria, para usar a metáfora de Campbell (2009), é uma canção do universo, uma forma de falar sobre o mundo, mesmo que não se use recursos totalmente racionalistas – é uma música que se dança mesmo quando não se é capaz de reconhecer a melodia, pontua o autor. Isso porque se faz uso dela mesmo de forma inconsciente. Dessa maneira, o mito tem relação com a busca e a construção de significado, do sentido das coisas. Assim, para Campbell (2010b), o mito tem a capacidade de fornecer significados para a existência humana, desvendando aquilo que todos os seres humanos têm em comum, a saber: a vocação para os mistérios.

Na compreensão de Campbell (2004), os mitos nascem de todas as culturas com temas de teor atemporal, e as suas inflexões cabem a cada cultura específica. Surge disso a necessidade do autor de estabelecer analogias e comparações entre os mais diversos mitos, estabelecendo o que se pode chamar de “mitologia comparada” (Rodrigues; Groppo, 2012). No que se refere a historicidade dos mitos, o autor apresenta, na série de livros *As máscaras de Deus*, como eles surgiram e se desdobraram em religiões em todo o globo, ao cruzar histórias e estórias, semelhanças e discrepâncias, dados e narrativas (Campbell, 2004, 2008, 2010). É interessante notar que o trabalho de Campbell, no coração do século XX, se situa num período em que a sociedade ocidental esteja conhecendo, mais profundamente, outras culturas, o que acentuou a curiosidade epistêmica em relação a outras formas de manifestação religiosa bem como fez emergir novos contextos históricos e antropológicos, o que se desdobrou na compreensão de como os diversos povos explicavam o mundo e criavam narrativas mitológicas. O autor, ainda, evidencia como há interesses diversos nas religiões e como elas são também forças sociais. Para tais estudos, Campbell sofreu a influência de Carl G. Jung, Sigmund Freud e James Frazer, adotando conceitos e noções a partir da perspectiva fundada no círculo psicanalítico.

Além disso, Campbell (2010b) chama atenção para as “funções” do mito. Em sua compreensão, são quatro: a mística, a cosmológica, a sociológica e a pedagógica. A primeira diz respeito à compreensão do mundo como um mistério, como algo da ordem do fantástico e a atitude de enxergá-lo com espanto, com admiração. A segunda está relacionada, de certa maneira, à primeira e aborda como o olhar científico apresenta o universo de modo diverso da



perspectiva mística, mas de tal maneira que o mistério ainda permanece. A terceira, por sua vez, pensa o mito como suporte e legitimação de determinada ordem social – para Campbell, inclusive, essa é a função mais utilizada. Já a quarta função está fundada no “caráter ético” das narrativas mitológicas, isto é, em como os mitos podem ensinar a sociedade a viver, que lições elas podem dar a sociedade como um todo. Observar tais funções que o mito possui na visão de Campbell (2010b) possibilita refletir sobre o quão fundamental o mito é para o antropólogo americano. Isso acentua a compreensão de que o mito não é algo irreal ou secundário na vida humana, mas precisa estar em primeiro plano, posto que não só produz formas de compreender a realidade como também seria um modo de conduzir as decisões humanas.

Além das contribuições a respeito da pertinência de estudos dos relatos míticos, Joseph Campbell desenvolveu o conceito de monomito, que, apesar das críticas pós-estruturalistas, possui uma potencialidade na compreensão dos mitos na atualidade. Com efeito, as análises mitológicas de Campbell (2010) promoveram o entendimento que advogava pela existência de uma estrutura narrativa comum entre todos os relatos míticos. Na sua compreensão, os mais variados mitos existentes mundo afora eram versões de uma mesma consciência heroica de cunho universal. É comum afirmar que, influenciado pelos estudos de Carl Gustav Jung a respeito das estruturas arquetípicas, Campbell (2010) estabeleceu a ideia de construção de um modelo típico nas narrativas míticas, a jornada do herói.

A bem da verdade, de acordo com Silva (2012), além do conceito junguiano de arquétipos, as forças inconscientes de Freud e a estruturação dos ritos de passagem de Arnold van Gennep também influenciaram a teoria da jornada do herói. Também conhecida como monomito, a teoria de Campbell postula que as narrativas míticas possuem uma estrutura dividida em três partes, a saber: a) partida – também chamada de separação; b) iniciação; e c) retorno. A primeira parte trata do herói e sua aspiração à jornada. A segunda, por sua vez, relata as aventuras do herói ao longo do caminho que terá que percorrer. Já a última, a terceira, é o momento de voltar à casa com tudo o que conseguir, sobretudo conhecimento. Segue um quadro que esquematiza pormenorizadamente o esquema campbelliano.

É importante lembrar que, em cada narrativa de teor mítico, pode ser enfatizada uma etapa específica, mas, de modo geral, a estrutura permanece a mesma, pontua o autor estadunidense. Ademais, pontua Campbell (2010), não existe um sistema definitivo de interpretação dos mitos; não se pode resumir a complexidade dos estudos míticos a apenas uma compreensão. O importante é frisar que o monomito pode ser uma opção válida e consistente para a interpretação de mitos e, conseqüentemente, da realidade.

Do ponto de vista do geógrafo, é pertinente pensar que a opção pelo monomito possibilita uma proeminência dos aspectos geográficos. Afinal, as etapas da jornada do herói necessitam de marcos geográficos bem definidos para sua constituição. A estrutura mítica, de acordo com Campbell (2010), pode ser “resumida” em aspectos de natureza geográfica: a) sair de um ponto de partida, no qual o sentimento de lugaridade é vigoroso, em direção a ações aventureiras; b) atravessar dificuldades geralmente expressas em intempéries de cunho natural ou mudanças da fisiografia da paisagem; e c) voltar para o lar e a conseqüente



re-contemplação das feições geográficas já conhecidas após todas as dificuldades que a aventura proporcionou. Assim sendo, como tudo na vida dos seres humanos, o relato do mito é dotado de uma dinâmica geográfica. Toda a estrutura mítica clama, pois, por uma dimensão espacial. Desse modo, é perceptível a presença de uma dimensão espacial no monomito de Campbell (2010). Urge, então, conectar, de forma mais aprofundada, a Geografia e o mito na concepção campbelliana.

Quadro 1 – Etapas do monomito segundo Joseph Campbell

Partida	Iniciação	Retorno
Chamado à aventura: uma informação é recebida e é gatilho para ir em direção ao desconhecido.	Caminho de provas: Tarefas e testes para iniciar a transformação do herói	Negação da volta: Tendo acesso a benefícios de outro mundo, titubeia em voltar
Recusa ao chamado: a princípio, o futuro herói recusa o chamado.	Encontro com a deusa: Herói experimenta um amor por um poder	Fuga mágica: Herói deve escapar com uma bênção
Ajuda sobrenatural: Uma vez comprometido com a missão, um guia aparece para ajudar	Tentação: Possibilidades de abandonar ou desviar a missão por questões materiais	Resgate com auxílio externo: Herói pode receber auxílio de um guia para retornar para casa
Cruzando o primeiro limiar: Ingresso na aventura, deixando os limites do conhecido	Sintonia com o pai: Após vencer a tentação, o herói descobre o sentido da jornada	Passagem pelo limiar de retorno: Herói deixa o caos do mundo exterior e volta para casa
Ventre da baleia: Separação final do mundo e do eu conhecido do herói	Apoteose: Herói se torna consciente de seu poder e capacidade. É o clímax da narrativa.	Senhor de dois mundos: Equilíbrio entre o mundo interior e exterior
	A bênção última: Herói conquista seu objetivo, após um confronto final e recebe a sua última bênção.	Liberdade para viver: Herói completou a sua missão e pode viver sem se preocupar com o futuro e nem lembrar o passado

Fonte: Adaptado de Campbell (2010) e Silva (2012)

GEOGRAFIA E MITO: JORNADA ONÍRICA

Para iniciar a discussão entre mito e Geografia, é interessante assumir a compreensão de que Geografia não nasceu de discursos racionais sobre o espaço. Pelo contrário, ainda que racionalizada e até mesmo tendo uma postura racionalizante ao longo do século XX,



é provável que a Geografia tenha, na verdade, nascido nos cantos dos aedos gregos que declamavam sobre a aventura dos deuses, das potências naturais vivas, sobre suas origens e sobre suas relações com o devenir da vida cotidiana. As cosmogonias da Antiguidade seriam, assim, os primeiros relatos geográficos gerados por este gênero de curiosidade sobre a ordem das coisas do mundo. (Gomes, 1997, p. 34).

Assim, no início da Geografia, há o registro da experiência de mundo, fundada em termos mitológicos e/ou religiosos. Cumprindo com sua missão de anunciar o mundo, de produzir uma imagem do mundo, a Geografia narra a experiência humana com a terra a partir do olhar da própria humanidade (Claval, 2014). Desse modo, os primeiros “geógrafos” – ainda que a profissão, tal como se conhece hoje, não existisse – produziram as primeiras obras de natureza geográfica da civilização ocidental ao narrarem o modo como os homens e, em menor escala, as mulheres se relacionavam com as forças da natureza, consideradas sagradas, ou relatando como eram as feições da superfície terrestre ou até mesmo ao mostrarem as movimentações e fluxos de pessoas entre os reinos da época (Gomes, 1997). Com efeito, para compreender a Geografia nascente e suas proposições de entendimento do mundo, era necessário ter um embasamento mítico, sendo o mito compreendido como um sistema explicativo sobre o mundo e o ser humano (Vitte; Pereira, 2019).

Essas obras, sobretudo de natureza poética, eram alimentadas pelas diversas experiências espaciais realizadas em locais específicos, que, por sua vez, criavam mitologias que relatavam como, no seio da natureza, haviam forças e seres de origem divina que supostamente governavam o mundo (Claval, 2010). Era comum, portanto, narrativas em que as vozes dos deuses falavam através do vento e do trovão, que espíritos divinos flutuavam em riachos da montanha, e toda a terra florescia como um lugar sagrado, como pontua Campbell (1998). Com efeito, tratava-se de um reino da imaginação mítica o solo no qual a Geografia nasceu.

Ademais, narrativas de teor mítico eram textos que explicariam os fenômenos geográficos e, por conseguinte, seriam obras geográficas. Entre tais obras pode-se citar os trabalhos de Homero. Aliás, sobre isso, tanto Gomes (2017) como Desbois, Gervais-Lambony e Musset (2016) defendem que as obras homéricas foram anunciadas por Estrabão como as primeiras obras geográficas. Tal pioneirismo se deve ao fato de que, tanto na Odisseia assim como na Ilíada, há uma notável descrição geográfica dos elementos terrestres. Essas descrições teriam também uma explicação de caráter mítico. Mais do que isso: o trabalho homérico deu sustentação para a Geografia nascente e isso se deu a partir da discussão sobre a deusa Gaia, a Terra-Mãe, que era entendida como origem de todas as coisas terrestres. De acordo com Vitte e Pereira (2019), as primeiras representações de caráter mítico na civilização ocidental foram realizadas desde tempos imemoriais. Nessas representações, a figura de proa de toda a mitologia era a deusa Terra, celebrada como a mãe nutridora da vida – numa perspectiva semelhante a que Dardel (2015) chamou de geografia mítica.

O que importa dizer, contudo, é que Gaia passa a ser um símbolo metafísico, uma personificação do poder no espaço (Vitte; Pereira, 2019). Assim, evocar a figura de Gaia é pertinente, posto que a lexia geografia tem sua origem etimológica derivada dos radicais gregos *Geo* (Terra) e *grafia* (escrita). Assim, propõem os autores brasileiros, é justamente



através das grafias de *Gaia* que devemos buscar as suas primeiras representações de conhecimentos geográficos vindouros. Com efeito, é com o surgimento das mitografias e das cosmogonias Homérica, Hesiódica e Órfica – que assumirão, na história do Ocidente, o papel de fundamentos filosóficos – que *Gaia* se apresentará envolta com elementos míticos (Vitte; Pereira, 2019). Esta elucidação é vital, pois as concepções homéricas contribuíram para a evolução da Geografia, posto que se fundamentaram numa ideia da unidade terrestre. De tal forma, uma vez que a Terra era considerada “um todo dentro de um todo”, era possível pensar na correlação entre todos os fenômenos terrestres, o que servia para reafirmar uma concepção unitária do mundo – dado que foi essencial no surgimento da Geografia na Antiguidade e que, posteriormente, foi resgatada no Renascimento e permanece até a Geografia atual, como pontua Gomes (2010). Efetivamente, é o mito de *Gaia* que *grafa* a Terra, posto que ele propiciou o início da investigação espacial no que se refere a heterogeneidade espacial da Terra e a diferenciação de suas formas (Vitte; Pereira, 2019).

Ademais, o trabalho de Homero relembra os discursos míticos já citados por Gomes (1997). Com efeito, os gregos não separavam o natural do sobrenatural e, assim, nem todos os deuses homéricos revestiram-se das formas humanas, posto que há os que permaneceram como forças da natureza, como potências (Vitte; Pereira, 2019). De fato, como aponta Desbois, Gervais-Lambony e Musset (2016), o trabalho de Homero relembra que a fronteira entre a Geografia e o imaginário mítico é muito mais porosa do que se pensa hoje e que não se pode negligenciar os aspectos mítico-mágicos na ciência geográfica. Tudo isso evidencia mais um ponto para inserir o pensamento campbelliano nas discussões geográficas: assim como os geógrafos supracitados, no lugar de negar o mito, Campbell propõe reconhecer nas narrativas mitológicas uma fundação da cultura que reflete sobre o mundo (Silva, 2012). Aliás, é também Joseph Campbell que explica como *Gaia* e os trabalhos homéricos são pertinentes para a ciência ocidental, postulando também o fim da dicotomia entre ciência e mito, mas não os confundindo. Isto é, propõe não tentar resumir o mito à ciência histórica e, sim, compreendê-lo tal como é: manifestação criativa das necessidades humanas de explicar a realidade (Campbell, 2008b; Silva, 2012).

Nada disso é por coincidência. Afinal, os mitos, para usar uma expressão de Campbell (1998), servem para abrir as portas da percepção para o prodígio, ao mesmo tempo terrível e fascinante, da própria humanidade e do mundo. Essa não é também a tarefa da ciência geográfica: usar o espanto para melhor refletir sobre as questões geográficas, voltar os olhos para o admirável e compreender as dinâmicas dos fenômenos espaciais, como pontuava Edward Relph (1985)? Efetivamente, segundo o geógrafo canadense, desde a cultura helênica, há um postulado essencial na origem de toda reflexão: se permitir maravilhar-se. E o ato de maravilhar-se torna-se necessário, preciso, justamente por ser um dado constitutivo do ato de existir, de pensar e, por consequência, de refletir geograficamente (Nascimento, 2020). Daí a pertinência dos mitos a estimular espantos diante da realidade geográfica.

Além disso, como se evidenciou no item anterior, há uma dimensão espacial na jornada do herói (Campbell, 2010). Realmente, como tudo que faz parte da vida humana, o mito possui uma dinâmica de teor geográfico. Toda articulação das estruturas míticas e das histórias influenciadas por elas necessitam de uma dimensão espacial para se realizar, para



lograr êxito. Assim, todo e qualquer mito é, necessariamente, geográfico. Tal característica tem como consequência a imersão de uma compreensão fundamental defendida por Raffestin (1988): a geografia científica pode ser renovada por meio da expressão do imaginário mítico.

É interessante, então, discutir o mito no seio da Geografia. Este movimento é inspirado também no entendimento de Serres (2001) que propõe a compreensão das narrativas de teor mítico como estruturas de compreensão da realidade. O filósofo francês, ao se basear no termo em inglês *legend*, cria uma conexão entre “lenda” e “legenda”. Isto é, para Serres (2001), as lendas, as narrativas de teor feérico também são consideradas lendas do mundo. Ou seja, estruturas capazes de produzir um entendimento sobre a realidade. Aliás, argumentam Desbois Gervais-Lambony e Musset (2016), nossa atração pelo imaginário mítico, pelas ficções de base mítica reside justamente no desejo de compreender o mundo. Os mundos mítico-imaginários são, ao mesmo tempo, pontes para a reflexão do mundo e dispositivos para restauração desse mesmo mundo.

Assim, as narrativas míticas não seriam apenas “alucinações”, mas seriam instrumentos que auxiliam na leitura do mundo – tal como as lendas fazem com os mapas. De fato, o mito é um “saber em histórias” (Burkert, 2001). Isso possibilita a compreensão de que os mitos são uma forma de saber. Tal compreensão “credibiliza” as dimensões míticas, que passam a fazer sentido para as investigações atuais sobre fenômenos plurais – incluindo o resgate de epistemes não ocidentais, movimento comum na Geografia contemporânea (Ferretti, 2023).

Não à toa que o mito é tão presente na Geografia. Vários são os exemplos que dão conta disso: desde espaço mítico de Yi-Fu Tuan, passando pela geografia mítica de Eric Dardel, até a geografia dos mitos de Paul Claval. Vale a pena se debruçar brevemente sobre estas contribuições e como a proposição campbelliana dialoga com cada uma delas, promovendo conexões e apontamentos para reflexões posteriores.

Yi-Fu Tuan é um geógrafo sino-americano e figura de proa da Geografia humanista anglófona. Ele estudou as relações do ser humano com o espaço geográfico e promoveu, junto com uma miríade de autores, uma ruptura com abordagem quantitativa da Geografia do século XX (Holzer, 2016). Entre suas contribuições está o livro *Espaço e lugar*, no qual o Tuan (2013) aborda o tema do espaço mítico. O autor dedica toda um capítulo para tratar das questões pertinentes ao espaço mítico. Antes, contudo, Yi-Fu Tuan (2013) discute a respeito do mito. Na sua compreensão, assim como na de Joseph Campbell, o mito não é um fenômeno do passado e tampouco pode ser perspectivado como uma ilusão ou como uma mentira. Outra semelhança entre Joseph Campbell e Yi-Fu Tuan é o reconhecimento da capacidade humana de construir mitos. Tuan (2013) vai além e afirma que o ser humano é capaz de criar geografias míticas. No que diz respeito ao espaço mítico, o geógrafo o categoriza em dois tipos principais:

Em um deles, o espaço mítico, é uma área imprecisa de conhecimento envolvendo o empiricamente conhecido; emoldura o espaço pragmático. No outro, é o componente espacial de uma visão de mundo, a conceituação de valores locais por meio da qual pessoas realizam suas atividades práticas (Tuan, 2013, p. 110).



Assim, no que diz respeito ao espaço mítico, haveria uma compreensão mais pragmática, “material”, e uma outra mais cosmológica, vinculada a visão de mundo. Isso não é trivial, posto que as pessoas agem no mundo de acordo com suas maneiras de interpretá-lo, isto é, a visão de mundo que tem o potencial de reelaborar as práticas socioespaciais, como defendem Harvey (2003) e, como se viu, o próprio Tuan (2013). Sobre isso, ainda, Cosgrove (1982) relembra que os mitos podem ser inscritos na organização espacial de sociedade atuais, influenciando a paisagem urbana e estrutura socioespacial. Daí a pertinência de se estudar as elaborações de sistemas cósmicos – sobretudo os presentes nos mitos. Tais sistemas, explica Tuan (2013), são tentativas de responder à questão do lugar do ser humano no mundo, um ensaio de compreensão do espaço geográfico. Dessa forma, o autor sino-americano dialoga fortemente com Campbell ao apontar o caráter existencial do mito. Desse modo, para o geógrafo sino-americano, os mitos são uma forma de organização do espaço, posto que a resposta para o lugar do ser humano no mundo tem uma forte dimensão espacial. Vislumbra-se, mais uma vez, o que Joseph Campbell também acena: o mito é essencialmente geográfico.

Além disso, a preocupação de saber como os seres humanos pensam e vivem o espaço, aludida por Claval (2014) e pelo próprio Tuan (2013), se faz presente na interpretação do espaço mítico. Há uma simpatia, para ser fiel às palavras do autor sino-americano, entre o ser humano e o ambiente ao seu redor no mundo mítico; existe uma ressonância das ações do primeiro sobre o segundo e vice-versa. Outro ponto pertinente da reflexão tuaniana é que, nela, o espaço mítico é compreendido de forma associada ao conceito de lugar:

O espaço mítico orientado tem outras características gerais. Organiza as forças da natureza e da sociedade associando-as com localidades e lugares significantes dentro de um sistema espacial. Tenta tornar compreensível o universo por meio da classificação dos seus elementos e sugerindo que existem influências mútuas entre eles. Atribui personalidade ao espaço, consequentemente transformando-o em lugar (Tuan, 2013, p. 116-117).

Assim, além de envolver aspectos espaciais como organização das forças da natureza e a significação de certos locais, o mito também está intrinsecamente relacionado ao conceito de lugar, na perspectiva de espaço revestido de afetividade. Yi-Fu Tuan (2013), inclusive, vai usar exemplos de grupos originários de várias nações e de civilizações antigas, como os chineses e os gregos, para justificar isso. Para tais povos, a ideia de localização de lugares significantes e com atmosferas afetivas estabiliza o seu reino mítico. O fato é que, depois de um suposto esquecimento na Geografia, ou de uma concepção meramente locacional, o conceito de lugar ganha força na Geografia nas últimas décadas e tem sido articulado como fenômeno da experiência e centro de significado existencial, tanto pelo próprio Tuan (2013) como por outros autores, a exemplo de Edward Relph (2014). E investir por essa vereda pode ser proveitoso para os geógrafos de modo geral e, mais ainda, para aqueles que estudam espaços míticos. Ademais, como se viu, tanto o caráter existencial de significado de vida como a experiência com o espaço cotidiano estão, de alguma forma, conectados com o mito (Tuan, 2013).

Abordando sobre o espaço mítico tuaniano, Castro (2019) chama atenção para algo importante já mencionado: é o fato de a Geografia passar a se preocupar com a relação entre o



ser humano e o espaço que propicia uma aproximação entre a ciência geográfica e o mito. Assim, a relação indissociável entre o ser humano e aquilo que chamamos de natureza é vital para o surgimento, o estabelecimento e a profusão dos discursos mítico-mágicos, ricos em simbolismos (Castro, 2019). No espaço mítico, a natureza nunca é exclusivamente natural: está sempre carregada de um valor religioso e/ou de base mítica. De fato, os seres humanos, para explicar os fenômenos geográficos, se utilizam de narrativas de teor mítico-mágico, como apontam o próprio Tuan (2013) e Campbell (2008b).

O espaço mítico é interessante também porque pode ser perspectivado como projeção de um mundo novo, como espaço que pode ser desejado diante de uma situação degradante. Como exemplo icônico pode-se falar do dicionário de lugares imaginários de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (2009). Um livro que, no formato de um guia, apresenta inúmeras locações fictícias, sobretudo de cunho mitológico, que são comentadas e ilustradas como se fossem reais. Entre tais locais de caráter mítico, são abundantes lugares fantásticas, que foram criados pelo desejo de ver para além do horizonte, de ver para além do possível, para além do presente (Manguel; Guadalupi, 2009). Assim, enquanto projeção, o espaço mítico é um incentivo a mudar o mundo e as relações que o ser humano tem com o espaço geográfico. Dessa maneira, o mundo mítico pode ser uma proposta do mundo que será, da possibilidade de repensar o futuro, inclusive geograficamente falando, como aponta Angela Prysthon (2014). Realmente, há sempre diferentes “espaços inventados”, de potência mítica, que servem para diferentes propósitos geográficos (Withers, 2007). E, como aponta Harvey (2003), usar esses exemplos pode ser bastante útil para o planejamento ambiental e urbano, para a construção de espaços de esperança.

Outro geógrafo a se enveredar pela enseada dos mitos foi Eric Dardel. Anterior a Yi-Fu Tuan, o geógrafo francês do século XX promove diálogos com a mitologia em seus livros. Isso ocorre tanto em *O Homem e a Terra* (traduzido para o português em 2011 e reimpresso em 2015) como em *L'histoire, science du concret* (publicado em 1942 e sem tradução para o português) – ambos publicados em enciclopédias de Filosofia, apesar de tratarem, respectivamente, sobre Geografia e História. O trabalho de Dardel é construído na interseção entre história, geografia e mito, afirma Ferretti (2023). Discutindo as duas obras supracitadas, o autor italiano explica como o mito é central no pensamento dardeliano. Na compreensão de Ferretti (2023), o fato de Eric Dardel não ter assumido a ideia de progresso linear e de superioridade civilizacional, central na construção das ciências eurocêntricas, proporcionou a adesão às cosmovisões míticas. Soma-se a isso o fato de Dardel encontrar, no próprio seio familiar, interlocutores de seu interesse sobre mitologia, a saber: seu sogro, Maurice Leenhardt, pastor protestante e etnólogo, e seu cunhado, Henri Corbin, filósofo e teólogo (Besse, 1988).

Desse modo, foi especificamente este contato com a crítica do progresso linear e da superioridade civilizacional europeia que fez Eric Dardel valorizar as histórias e as geografias do mito como uma alternativa à racionalidade ocidental (Ferretti, 2023). Não obstante ser pensado como outra via da racionalidade ocidental, o mito, para Dardel (2015), não exclui a racionalidade, posto que o espaço mítico não é formado por uma confusão e comporta centros de referências. Dardel (2015) chega a dizer que é imprudente desacreditar os mitos e tomá-los



como meras lendas ou algo degenerado. Na realidade, “[...] eles revelam, com efeito, um certo trabalho de inteligência, de explicação pela via histórica.” (Dardel, 2015, p. 58). Dessa maneira, o mito na concepção dardeliana, assim como é para Joseph Campbell, é apenas uma outra forma de raciocinar e compreender o mundo e, não, a negação da razão.

Esse movimento epistemológico de Eric Dardel, apesar de negligenciado à época como aponta Raffestin (1988), é pertinente ainda nos tempos atuais, nos quais há um movimento de redescoberta de diferentes epistemes que questionam o olhar eurocêntrico ocidental bem como propõe as narrativas míticas como fonte do conhecimento (Escobar, 2014). Mesmo que pareça anacrônico comparar a obra dardeliana ao movimento decolonial, o importante é frisar como o mito é resgatado para dismantelar pretensões de superioridade civilizacional – o que também foi tratado por Reclus, como atenta Ferretti (2023). Um exemplo disso é a discussão que Dardel fez a respeito dos mitos de povos extra-europeus antigos e contemporâneos, chegando à conclusão da necessidade de desconstruir os mitos políticos que fundamentaram guerras e totalitarismos em sua época. De fato, Eric Dardel é um crítico da modernidade e de suas consequências, tendo, inclusive, se recusado de participar do Estado francês devido ao contexto político de guerra (Besse, 2015).

Assim, contrariando as leituras positivistas clássicas que consideravam o mito como um conceito arcaico, não científico e irracional, Dardel considerou a pertinência de se enveredar pelas sabedorias míticas a respeito do espaço geográfico (Besse, 2015). Desse modo, pontua Ferretti (2023), antecipando geógrafos culturais franceses como Joël Bonnemaison, Eric Dardel deu plena “cidadania geográfica” a visões do mundo que eram então consideradas apenas assuntos para antropólogos que estudavam relatos míticos e/ou costumes considerados primitivos. Em *O Homem e a Terra*, por exemplo, Dardel (2015), citando inclusive seu sogro, enumera vários mitos, desde narrativas da Nova Guiné, da Austrália e da Melanésia, passando pelas “mitologias” grega e egípcia até os registros bíblicos, apontando como todos eles apontavam a mesma relação intrínseca entre o gênero humano e a terra, uma relação existencial que inspiraria ritos e atitudes mentais. Neste ponto, mais uma vez, como no pensamento campbelliano, é evocada a questão existencial no mito e seus desdobramentos na relação ser humano-terra.

Outro ponto significativo na proposta de Dardel (2015) é a concepção de que a geografia mítica é uma relação. Uma relação claramente qualitativa que, do ponto de vista histórico, começou a ser questionada pelo que o geógrafo francês chamou de “geografia profética”, a qual teria destronado a Terra de seu papel como criadora da humanidade, já que tanto a Terra quanto seus habitantes, sejam humanos ou não, se tornaram a criação de um Deus “longe da natureza”, residente nos céus. De fato, seguindo a historiografia da geografia aos moldes dardelianos, a geografia profética teria rompido com a ligação visceral que o ser humano teria com a terra (Dardel, 2015).

A bem da verdade, segundo Nascimento (2023), a religião judaico-cristã não promoveu uma total separação entre o homem e a Terra, que continua a ter muitos usos que ainda resguardam o pensamento mítico que os entrelaça, como a benção de animais e das lavouras e sementes, dispersão de cinzas em rituais, os fogos de S. João na semeadura, a



presença da árvore de Natal, entre outros vestígios. Não obstante a isso, o fato é que, para Dardel (2015), há o reconhecimento da violência epistêmica das religiões monoteístas, que pronunciavam uma “sentença de morte” contra as formas de reflexão do mundo pautadas no pensamento mítico. Neste último, explica o geógrafo francês, há uma atmosfera espaço-temporal. Tal atmosfera determinaria a existência social e o próprio comportamento humano, misturando vida orgânica e psíquica. Neste ponto, a ideia de “atmosfera espaço-temporal” de Dardel coaduna perfeitamente com a compreensão de Tuan e de Joseph Campbell já elucidada anteriormente.

Há mais um aspecto que promove um diálogo entre a obra de Tuan e Dardel a respeito do espaço mítico: a relação de lugaridade. Com efeito, tanto para o geógrafo sino-americano como para o geógrafo francês, o conceito de lugar é vital na compreensão do espaço mítico. Na visão dardeliana, o espaço mítico é sempre validado pela experiência concreta:

Essa relação vivida dos homens com lugares determinados faz verdadeiramente deles, num sentido rigoroso, “gente de lugar”, “autóctones”, como diziam os gregos. O grupo humano [...] é uma coisa só com sua região de origem, emigrar é uma ruptura profunda: um transplante, uma perda de sustância. (Dardel, 2015, p. 50).

Embora funcionando numa lógica mais restritiva do lugar, na qual há uma necessidade de permanência para efetivação do sentido de lugaridade, a concepção evidenciada acima estabelece a relação entre mito e lugar. Nessa relação, o lugar, sempre associado a afeição e familiaridade, está relacionado a ideia de segurança e estabilidade e se traduz num espaço humanizado, envolto em afetividade construída pela vivência (Tuan, 2013). É partir dessa relação que o autor sino-americano a ideia de espaço mítico constituído pela experiência. Isso reforça, ainda, a presença do aspecto já mencionado da espacialidade do mito e da importância dos lugares na construção do espaço mítico na obra dardeliana, aspecto abordado também por Tuan (2013).

Ademais, mesmo que o mito tenha servido para relativizar a ideia da onipotência humana na época de Dardel (2015), após o trauma da II Guerra Mundial, pode-se argumentar que ele não está preso ao passado e pode desempenhar papéis semelhantes hoje, quando a agência humana é fortemente questionada pelas ansiedades pelas mudanças climáticas e destruição do capitalismo pós-industrial, com uma nova roupagem da degradação da certeza da onipotência humana (Ferretti, 2023).

Outro ponto a se destacar é que o mito não repousa apenas na preocupação de autores do início da ciência geográfica ou do século passado. Geógrafos contemporâneos, sobretudo os que estudam as experiências geográficas e os da abordagem cultural da Geografia, também se debruçam sobre este fenômeno e pensam o mito como um objeto geográfico pertinente e digno de curiosidade epistêmica, de atenção científica.

Pode-se citar os exemplos de Maximilian Hepach, de Maja Essebo e – para se referir a alguém de maior produção – Paul Claval. O primeiro propõe uma redescoberta da dimensão do mito dentro da perspectiva da geografia histórica ao abordar as noções de clima dos mitos gregos antigos, sobretudo dos mitos platônicos (Hepach, 2022). A segunda, por sua vez, se aproxima mais do que se pretende com este artigo: defender uma relação profunda e



mutuamente benéfica entre Geografia e mito. Para isso, pontua a autora, é preciso repensar o conceito de mito que está cristalizado na sociedade ocidental. Assim, é preciso ir além da mera concepção de que o mito pertence a tempos ou povos mais primitivos. Tal como Campbell, é necessário evocar o mito para o hoje da história e como ele se articula em processos que constituem a realidade atual. De fato, para Essebo (2019), os mitos tanto precedem a história escrita como também estão presentes na mobilização atual para fins políticos concretos, como é o caso do mito grego da Europa, que é vital nas articulações de comunicação pública das estratégias da União Europeia.

Assim, na concepção de Essebo (2019), o conceito de mito está longe de ser estranho à investigação geográfica atual. Contudo, a sua definição e utilização têm sido variadas e isso proporciona que seu potencial de explicação da realidade seja inexplorado geograficamente. Daí a pertinência de, não cristalizando nenhum conceito, estabelecer uma concepção de mito mais adequada a realidade atual. Aquela concepção de mito como mentira ou invenção que negligencia a capacidade de reflexão da realidade precisa, como disse Campbell, ser esquecida. É preciso pensar como os mitos – histórias naturalizadas que refletem a ideologia e orientam as práticas cotidianas – instituem significados no lugar. Assim, refletindo sobre o conceito de mito, pode-se avançar em temas disciplinares centrais a respeito de questões de naturalização e de transformação de crenças sociais e, por extensão, do espaço geográfico (Essebo, 2019).

Interessante notar que o mito, nos trabalhos de Essebo (2019) e Hepach (2022), está associado a uma questão ambiental – mais notadamente, como os mitos são ou podem ser utilizados para pensar a política ambiental e, por consequência, a relação do ser humano com o ambiente que o envolve. Eis aqui um claro desdobramento atual sobre a concepção de como o mito organiza pensamentos e propõe práticas socioespaciais já aludidas por Joseph Campbell. E tal desdobramento se faz mais urgente no contexto em que as emergências climáticas convocam todas as disciplinas para pensar em soluções teóricas e práticas a respeito da crise ambiental atual.

Já Paul Claval (2012) chama atenção dos mitos nos estudos a respeito de como os seres humanos habitam o mundo, dão significado a ele e também o remodelam a partir dessa significação e como todo esse processo está conectado ao significado que o ser humano dá a si mesmo, a sua própria existência. É, então, uma concepção existencial e cosmológica ao mesmo tempo. Para pensar o mito, Claval (2012) convida Joël Bonnemaison e suas análises a respeito de relatos míticos e consequentes discussões geográficas, sobretudo apontando como tais relatos explicam a hierarquização de sociedades. Contudo, o que se quer frisar da contribuição de Claval (2012) é suas aproximações com Campbell e com os geógrafos supracitados, Eric Dardel e Yi-Fu Tuan.

Claval (2012) inicia a discussão sobre o mito alertando que os seus relatos não ficam presos no passado como se fossem parte de uma história antiga. É nesse aspecto, afirma Claval (2012), que reside um grande potencial do mito: ele não tem um tempo datado e tem histórias tão naturais que podem acontecer em qualquer lugar e em qualquer período histórico. Daí que surge, então, a força explicativa do mito. É por isso também, explica o geógrafo



francês, que o mito tem a capacidade de impregnar com significado a vida humana, dando uma certa ordem ao mundo.

Além disso, Claval (2012) argumenta como o mito estrutura o espaço. Assim como Joseph Campbell e Yi-Fu Tuan, o autor sustenta que o mito tem o poder de produzir “diferenciações” espaciais, dotando alguns lugares com maior significado do que outros. Desse modo, o espaço mítico teria lugares comuns e, usando um termo de Mircea Eliade, lugares numinosos, isto é, de grande significância religiosa – o que daria uma certa centralidade a determinados locais. Desse modo, o mito teria o poder de organizar o espaço a partir da cosmovisão que incute em determinada sociedade ou indivíduo. Neste ponto, há uma divergência com Eric Dardel (2015), para quem a experiência mítica é sempre comunitária.

Outro ponto levantado por Claval (2012) é o poder explicativo do mito. Ele não só explica o mundo e seus lugares; ele também produz juízos sobre esse mundo, orienta ações e omissões bem como produz pontos de referência – seja geográfica ou eticamente falando. Neste ponto, o geógrafo francês faz eco aos trabalhos de Dardel e Tuan bem como dialoga profusamente com Joseph Campbell. Claval (2012), ainda, reflete como o mito está presente nas ideologias presentes e como compreender os mitos auxiliam na compreensão de tais ideologias, a exemplo de Essebo (2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordagens que valorizem aspectos não racionalizantes são frequentes na Geografia. Como se viu, desde a geografia vernaculares até a atualidade, com Paul Claval e/ou David Harvey, é comum que tais aspectos sejam convidados para compor uma Geografia viva e pulsante, condizente com a variedade do espaço geográfico e de seus fenômenos. Mais recentemente, novas leituras fizeram o mesmo, seja bebendo da filosofia bachelardiana, promovendo despertares onírico-geográficos, ou convocando autores da Geografia Clássica, da Geografia humanista e Geografia cultural radical, apontando para o potencial da imaginação geográfica de base mítica (Nascimento, 2021; Zusman, 2022; Gratão, 2023). Então, nesse contexto, qual é a contribuição do artigo? É justamente a proposta de incluir nessas discussões o nome de Joseph Campbell. Com efeito, como nome de proa da mitologia, Joseph Campbell auxilia na reflexão sobre as jornadas onírico-geográficas de modo particular e ensejando novas miradas, reafirmando e/ou remodelando posturas de geógrafos a respeito do mito e do espaço mítico.

A primeira conclusão a respeito da contribuição de Joseph Campbell em diálogo com autores como Eric Dardel, Yi-Fu Tuan e Paul Claval é que o mito é essencialmente geográfico e que a Geografia, perspectivada como interpretação da experiência humana sobre a terra, só tem a ganhar ao refletir sobre o mito, incluindo os espaços socialmente produzidos por ele bem como a “simpatia” entre ser humano e natureza nos espaços míticos.

Além disso, uma leitura acurada de Campbell, unida a de vários autores, nos confirma que, diferentemente do que se apregoa no discurso moderno e racionalista eurocêntrico, a teia onírica do mito não ruiu. O mito não é o símbolo de um fascínio pelo passado e sua



ignorância ou pela tradição iletrada. Ele é, na verdade, um assunto atual – atualíssimo. Ele nos propicia uma outra visão de mundo, alargando a compreensão dos geógrafos sobre as diversas formas de vivenciar o espaço geográfico e remodelá-lo. Isso porque, como se viu, o mito é uma via de inteligência, uma estrutura de compreensão da realidade. Daí a pertinência de, com Joseph Campbell, se unir aos geógrafos que discutem os aspectos geográficos dos mitos e reconhecer nas narrativas mitológicas uma fundação de uma cultura que reflete sobre o mundo e não cede às compreensões eurocêntricas da ciência.

Esse movimento pode perspectivar os lugares míticos como projeções de um mundo melhor, de uma “terra sem males”. Ainda que pareça ingênuo, esse movimento projetivo pode ser muito útil para o planejamento ambiental e urbano, para aquilo que David Harvey chamou de construção de espaços de esperança, o que é vital num contexto de polícrises, como a crise econômica e os efeitos das mudanças climáticas. Esse movimento, então, é urgente.

A partir dos contatos estabelecidos neste trabalho, muitas vias se abrem para a análise geográfica de narrativas míticas, desde os mitos políticos presentes na reflexão sobre os territórios até interpretação de manifestações artístico-literárias ou de cunho audiovisual com teor mítico. Outra via interessante é investigar como a relação entre o mito e o conceito de lugar pode ser uma via frutuosa para os geógrafos, vislumbrando o papel dos lugares e da lugaridade na constituição do espaço mítico. Tal via se torna mais instigante ainda se, num movimento interdisciplinar, se associar a ideia de monomito de Campbell e tomada por tantos outros autores. Aliás, a própria discussão sobre espaço mítico pode adquirir maior envergadura e contribuir para propostas que refletem imaginários geográficos.

As investigações sobre os mitos no seio da Geografia se iniciaram há tempos, mas não estão esgotadas. Este artigo é apenas um vislumbre das contribuições de um diálogo entre Campbell, Eric Dardel, Yi-fu Tuan e Paul Claval para estas investigações. Contribuições que, como visto, são fundamentais para a compreensão do espaço geográfico e das narrativas que elucidam a experiência humana sobre a terra. O horizonte mitologicamente carregado dos tempos atuais e futuros precisa desse debate. Não nos furtamos dele. A Geografia e o campo das ciências humanas agradecem.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Lire Dardel aujourd'hui. *Espace géographique*, tome 17, n°1, 1988.

_____. Geografia e Existência. IN: DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BURKERT, Walter. **Mito e Mitologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2010a.

_____. **As máscaras de Deus**: mitologia primitiva. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____. **As máscaras de Deus**: mitologia oriental. São Paulo: Palas Athena, 2008a.



- _____. **As máscaras de Deus**: mitologia ocidental. São Paulo: Palas Athena, 2008b.
- _____. **As máscaras de Deus**: mitologia criativa. São Paulo: Palas Athena, 2010b.
- CASTRO, J. R. B.. Geografia e narrativas míticas: possibilidades dialógicas. **Geograficidade**, v. 9, n. 1, p. 43-56, 2019.
- CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens**: a geografia. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. Mitos e imaginários em geografia. IN: LINDÓN, Alicia; HIERNAUX, Daniel. **Geografías de lo imaginario**. Barcelona: Antropos, 2012.
- _____. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.
- COSGROVE, Denis. The myth and the stones of Venice: an historical geography of a symbolic landscape. **Journal of Historical Geography**, v. 8, n. 2, p. 154-169, 1982.
- DANIELS, Stephen. Geographical imagination. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 36, n. 2, 2011.
- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DE SÁ, Maria José Ribeiro; ALMEIDA, Maria da Conceição de. Mitos e Educação na ancestralidade de Tentehar. **REVISTA FAEBA**, v. 31, p. 127-142, 2022.
- DESBOIS, Henri; GERVAIS-LAMBONY, Philippe; MUSSET, Alain, Géographie: la fiction “au cœur”, **Annales de géographie**, vol. 709-710, n° 3, 2016.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ESCOBAR, A. **Sentipensarcom la tierra**: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.
- ESSEBO, Maja. Mythical place: a conversation on the earthly aspects of myth. **Progress in Human Geography** v. 43, n.3, p. 515-530, 2019.
- FERRETTI, F.. Géographicité, material agency and the thickness of the Earth: rediscovering Eric Dardel beyond “nature/culture” dualisms. **Cultural geographies**, 2023.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem do mundo e o fim das ilusões. In: Paulo Cesar da Costa Gomes; Iná Elias de Castro; Roberto Lobato Correa. (Orgs). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 13- 43, 1997.
- _____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- GRATÃO, Lucia Helena. Trilhas interpretativas... o caminhar pela imaginação do habitar a Terra. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; BATISTA, Gustavo Silvano. **Portais da Terra**: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea. Teresina: EDUFPI, 2023.
- HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo**: um ensaio filosófico sobre a arte da demora. Lisboa: Relógio d'Água, 2016.
- _____. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.
- HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- HEPACH, G.M.. Ephemeral climates: Plato's geographic myths and the phenomenological nature of climate and its changes. **Journal of Historical Geography** v. 78, p. 139-148, 2022.
- HOLZER, W.. **Geografia Humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.
- LARSEN, Stephen; LARSEN, Robin. **Joseph Campbell**: a fire in the mind. Vermont: Inner Traditions, 2002.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A tela global**: mídias culturais e cinema na era hipermoderna. Porto Alegre: Sulina 2009.



- LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica, 1960. IN: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- MAFFESOLI, Michel. **O theatrum mundi pós-moderno**: o jogo da vida, a vida como jogo. Curitiba: PUCPRESS, 2021.
- MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MATOS, S. M. Imaginário religioso: o simbolismo do herói à luz de Joseph Campbell e Carl Gustav Jung. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 11, n. 29, p. 409-411, 2013.
- MOURA, Tarcísio. Mito, matriz da Arte e da Religião. In: MORAIS, Regis (Org.). **As razões do mito**. Campinas: Papirus, 1988.
- NASCIMENTO, F. C. O dever de sonhar em Geografia: os geógrafos como aprendizes do espanto. **Geografia (Rio Claro)**, v. 46, n.1, p.1-22, 2021.
- _____. Por uma Nova Geografia profética: relendo Eric Dardel com o Papa Francisco. **Geografar**, v. 18, n. 2, p. 332-350, 2023.
- PRYSTHON, Angela, Paisagens sonhadas: imaginação geográfica e deriva melancólica em Jauja. **Devires**, v. 11, n. 2, p. 230-255, 2014.
- RAFFESTIN, Claude. L'imagination géographique. **Géotopiques**, Genève, n. 1, p. 25- 43, 1983.
- RELPH, Edward. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, David and MUGERAUER, Robert (eds.) **Dwelling, place & environment**: towards a phenomenology of person and world. New York: Columbia University Press, 1985.
- _____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- RODRIGUES, M. H.; GROPPPO, L. A.. Uma compreensão dos estudos de Joseph Campbell em mitologia comparada. **Universitas Humanas**, v. 9, p. 55-61, 2012.
- ROSA, Bruno Navarini. **A jornada do herói de Joseph Campbell e os ídolos do futebol brasileiro**: uma análise de “Garrincha, Alegria do Povo” e “Isto é Pelé”. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2017.
- SERRES, Michel. **Os cinco sentidos**: filosofia dos corpos misturados – I. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- SILVA, Carlos Aldemir Farias da. **Joseph Campbell**: trajetórias, mitologias, ressonâncias. 2012. 292 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- SOARES, Lenice Alves. **Joseph Campbell e Plotino**: duas chaves de leitura para o Fausto de Goethe. 2020. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- SORRE, Max. A Geografia Humana (introdução). **Geographia**, v.5, n. 10, p. 137-143, 2003.
- VITTE, Antonio Carlos; PEREIRA, Marcio Mello. A ciência geográfica no helenismo: I - As mitografias de Gaia. **Confinis**, v. 41, p. 41-59, 2019.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ZUSMAN, Perla. A Geografia histórica, a imaginação e a imaginação geográfica. **Espaço e Cultura**, v. 1, n. 51, p.151 - 175, 2022.